



---

## Aquisição e variação dos verbos *ter* e *haver* existenciais no PB

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (UFAL)

**RESUMO:** Este trabalho se insere na área de Aquisição e Mudança Linguística e tem como objeto de estudo o uso variável de *ter* e *haver* com sentido de existir. Nosso intuito é analisar a frequência de uso desses verbos na fala de crianças entre 7 e 12 anos, para tanto, recorreremos ao banco de dados do Projeto LUAL – Língua Usada em Alagoas. Para descrição e explicação dos dados, utilizamos a metodologia da Sociolinguística Quantitativa e os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa. De acordo com os dados obtidos, constatamos que o uso de *ter* é bem maior do que o de *haver* - 96% versus 4%, o que indica que *ter existencial* é o verbo mais selecionado durante o processo natural de aquisição da linguagem.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Variação linguística; Ter e haver existenciais; Português brasileiro.

### Introdução

Os estudos que analisam o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir têm mostrado que, no português do Brasil, construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio avançado a depender da escolarização e da origem social do falante.

Avelar (2005) explica que a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais é condicionada à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como ao tipo textual em que a sentença é realizada, ou seja, língua falada ou língua escrita, e é “desencadeada pela ‘alimentação’ da chamada **gramática periférica** pelo processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (p.1).<sup>1</sup>

Por gramática naturalmente internalizada, estou entendendo o que Chomsky 1981 classifica como **gramática nuclear**, em oposição a uma **gramática periférica**; seguindo os desdobramentos propostos por Kato 2005 em torno desses dois conceitos, uma gramática periférica “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal” [...] contrariamente ao que ocorre na formação da gramática

---

<sup>1</sup> Para mais discussões sobre gramática nuclear e gramática periférica ver Kato (2005) – A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical.

nuclear, resultante do processo de aquisição natural da língua (AVELAR, 2005, p.2).

Nesse contexto, nosso objetivo é analisar a frequência de uso dos verbos *ter* e *haver existenciais* na fala de crianças entre 7 e 12 anos, tendo em vista que, nessa faixa etária, pesquisas apontam que o uso de *haver existencial* é quase nulo, sugerindo assim que tal verbo não faz mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, o que indica que tal variação não ocorre na gramática nuclear dos falantes do PB.

Para a descrição e explicação das unidades linguísticas aqui estudadas, postulamos as seguintes questões: qual a frequência de uso dos verbos *ter* e/ou *haver existenciais* no *corpus* analisado? Estamos diante de uma variação a ser capturada como um fato de gramática nuclear? *Haver existencial* faz parte da gramática internalizada dos falantes do PB, sendo, portanto, resultado da fixação da gramática natural de aquisição da linguagem? Supondo que haja variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de *ter* e/ou *haver* no *corpus* analisado?

Como respostas provisórias às questões formuladas, acreditamos não só que a variação *ter/haver existenciais* só ocorre a partir do momento em que a criança entra em contato com a aprendizagem da língua escrita, como também que as produções linguísticas das crianças aqui analisadas refletem a gramática adquirida durante o processo natural de aquisição de linguagem, em que *ter existencial* é o verbo selecionado para tal contexto.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: nas seções 1 e 2, apresentamos resultados de pesquisas sobre o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* tanto na língua falada quanto na língua escrita; na seção 3, caracterizamos os dados utilizados na pesquisa e na seção 4, apresentamos a descrição e a análise dos dados.

## 1. Língua falada e variação *ter* e *haver existenciais*

Franchi et al. (1998), em seu trabalho com dados do Projeto Nurc São Paulo, que representa uma mescla linguística em que a escolaridade e a norma escolar constituem um fator social significativo na exclusão e manutenção das formas gramaticais, mostram um percentual significativo no uso de *ter* sobre *haver* e *existir*. Os autores não só apontam que 50,98% dos falantes usam o verbo *ter*, 25,87% preferem o uso de *existir* e 23,14% usam *haver*, como também argumentam que:

A distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com *ter* sobre *haver* e *existir* [...]. O ainda relativamente alto percentual de construções existenciais com *haver* não condiz com a observação de outros autores [...] de que seu emprego é muito raro, se não inexistente, na língua oral coloquial (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998, p. 106).

Ao analisarem a variação *ter/haver existenciais* na norma culta carioca nas décadas de 70 e 90, Callou e Avelar (2000) mostram que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou – 69% de *ter* contra 31% de *haver*, embora o percentual de *ter* salte de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90, sugerindo assim uma mudança em progresso.

Os autores apontam que, tanto em década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo – dois linguísticos e dois sociais, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento externo, faixa etária e gênero.

Os fatores sociais revelam que, de uma década para a outra, a frequência de uso de *ter* aumentou em todas as faixas etárias, chegando à década de 90 a 98% entre os falantes mais jovens. A mudança na década de 70 para a década de 90 acontece entre os falantes do sexo masculino, entre os quais o uso de *ter* cresce de 47% para 74%. Nos anos 90, a frequência de uso de *ter* é de 75% sem distinção de gênero.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, os autores explicam que construções no passado favorecem o uso de *haver*, enquanto que construções no presente favorecem o uso de *ter*. Esse resultado mostra que, no Português oral culto da cidade do Rio de Janeiro, o verbo *haver* tornou-se um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos verbais no passado. O verbo *ter* também ocorre preferencialmente quando os argumentos internos apresentam o traço [+ material], enquanto que argumentos com traço [- material] favorecem o uso de *haver*.

Ao analisar a natureza variável dos verbos *ter* e *haver* na norma culta de Salvador, Dutra (2000) mostra não só que o verbo *ter* é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% das ocorrências do verbo *haver*, como também que fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação, a saber, animacidade do SN objeto, natureza concreta ou abstrata do objeto, modos e tempos verbais, posição do objeto, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária.

Os dados apontam que o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente nos seguintes contextos: presença de objetos com traço [+ animado] – 83,05% e [+ concreto] – 74,7%; no presente do indicativo – 64,9%; em orações absolutas – 80,9% e orações coordenadas assindéticas – 71,2%; no tipo de registro mais coloquial – 76,5%; nos informantes do sexo feminino – 70,08% e nas faixas etárias 1 e 2 – 71,4% e 73,1%, respectivamente.

Segundo a autora, o uso de *ter* impessoal, na norma culta de Salvador, pode ser entendido como um processo de mudança em curso, porém se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto.

Ao analisarmos essas pesquisas, é possível perceber não só que há um alto percentual de uso do verbo *ter existencial* na norma culta do Português falado no Brasil, como também que tal norma está se rendendo à mudança em direção ao uso do verbo *ter*, contrariando, dessa forma, a visão normativa que aceita apenas o uso do verbo *haver* nesse contexto.

Embora o percentual de uso de *haver* venha sofrendo uma redução significativa, observamos que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou. Callou e Lopes (2003) elencam alguns fatores que ainda favorecem a manutenção do verbo *haver* em contextos existenciais, a saber, os tempos verbais do sistema passado, vistos como verbos típicos de narração, as construções com SN argumento interno que apresenta o traço [- material] e a escolaridade dos usuários da língua.

Segundo esses autores, os estudos realizados nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre mostram não só que o uso de *ter existencial* obedece aos mesmos condicionamentos linguísticos e sociais, como também que sua aplicação em lugar de *haver* é geral no Brasil, embora o peso relativo de aplicação da regra varie.<sup>2</sup>

Os pesos relativos de *ter* indicam um curva de mudança em progresso nas cidades de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Nas cidades de Salvador e Porto Alegre, por outro lado, têm-se uma curva de variável estável, que em Salvador vai no sentido de aumento de *ter* e em Porto Alegre no sentido de uma leve retração de uso de *ter*.

Ao traçar o perfil linguístico dos falantes da comunidade de João Pessoa com relação à variação *ter/haver existenciais*, Silva (2001) mostra que o total de ocorrências com *ter* e

---

<sup>2</sup> O peso relativo de aplicação da regra é o resultado numérico de cada fator de análise do fenômeno variável produzido pelo programa VARBRUL.

*haver* corresponde a um percentual de 90% dos casos com o verbo *ter* contra apenas 10% para o verbo *haver* e explica que tal variação é motivada pelo fator linguístico animacidade do SN objeto e pelos fatores sociais escolaridade, faixa etária e sexo.

A autora não só argumenta que talvez por não possuir traço de estigmatização social na língua falada, *ter existencial* seja mais frequente que *haver existencial*, como também aponta que o uso de *ter* e *haver* na comunidade estudada se caracteriza como um processo de variação estável, tendo em vista que os jovens se mostraram menos influentes ao fenômeno em estudo.

Na fala pessoense, o verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente quando o SN objeto apresenta traço [+ animado] – 95%, entre os falantes menos escolarizados – 98%, indicando assim que o acesso às regras gramaticais determina a escolha das variantes linguísticas, entre os falantes da faixa etária 2 (26-49 anos) – 97% e entre os falantes do sexo feminino – 93%, diminuindo sua frequência à medida que a escolaridade aumenta – 89%.

Duarte (2003), ao analisar amostras da fala não culta do Rio de Janeiro, observa que, na amostra de 1980, o verbo *ter* apresenta um percentual de 87% contra apenas 10% de *haver*, enquanto que na amostra de 2000, esse percentual muda para 91% de uso de *ter* contra apenas 6% de uso de *haver*.

A autora chama a atenção para a atuação do fator escolaridade. Na amostra de 80, os falantes do ensino médio superam os falantes dos ensinos fundamentais 1 e 2 no uso de *haver*, com frequência de 21% versus 7%, respectivamente. Já na amostra de 2000 tem-se os índices de 3% para o ensino fundamental 1, 10% para o fundamental 2 e 5% para o ensino médio.

Outro fator apontado por Duarte é o fato de o verbo *haver* já não fazer mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, pois na faixa etária 1 (7-14 anos), das duas amostras, não há ocorrências do verbo *haver existencial*. Já na faixa etária 4 (acima de 50 anos), esse verbo apresenta índices de 19% na amostra de 80 e 15% na amostra de 2000.

Magalhães (2006) mostra que, ao contrário das crianças portuguesas que aos dois anos de idade já apresentam sentenças construídas com *haver existencial*, as crianças brasileiras até os três anos não apresentam construções com *haver*, sendo suas existenciais construídas exclusivamente com *ter*, a exemplo de:

- (1). ADULTO: ah@i é # o livro do papai!  
CRIANÇA: vai le(r).  
ADULTO: vai le(r)?  
CRIANÇA: esse aqui  
mostrando o livro.  
ADULTO: esse aí?  
CRAINÇA: só um # **tem** out(r)o # só um? PB (2;5.21)
- (2). ADULTO: (es)ta a acabar.  
ADULTO: só (es)ta aqui mais um bocadinho.  
CRIANÇA: **há** ali um passarinho PE (2;1.11)

Callou e Avelar (2000) também apontam que observações assistemáticas mostram que é possível formular a hipótese de que, nos dialetos brasileiros, a criança só adquire o verbo *haver* com sentido de existir durante o aprendizado escolar.

A permanência deste verbo em alguns contextos deve provavelmente estar condicionada, dentre outros fatores, ao processo de aquisição da escrita, em

que se valoriza um padrão no qual as existenciais sejam construídas da mesma forma que no português europeu (AVELAR, 2006, p. 72).

## 2- Língua escrita e variação *ter* e *haver* existenciais

Avelar (2005) afirma que a variação *ter* e *haver existenciais* é diametralmente oposta na língua falada e na língua escrita, pois o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que na língua escrita esse percentual é de 14%. Já o verbo *haver* ocorre com um percentual de 13% na língua falada e 86% na língua escrita.

Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio, sendo, portanto, a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso do verbo *ter existencial* em tal modalidade, justifica-se apenas pela necessidade de se inserir entre os textos escritos elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de *ter* aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem.

Avelar (2006) aponta que o uso de *ter existencial* na língua escrita aparece com 8% entre os séculos XVI-XVIII, 22% no século XIX e 30% no século XX. O autor explica que esses dados apenas refletem o conservadorismo a que tende a língua escrita, não mostrando, de fato, o que realmente acontece na língua falada, em que o verbo *ter*, pelo observado até aqui, vem se saindo vencedor.

Tal conservadorismo, pontua o autor, pode ser uma das explicações para a permanência do verbo *haver* em sentenças existenciais, levando-o a formular a hipótese de que o uso de *haver existencial* deve provavelmente estar condicionado ao processo de aprendizagem da língua escrita.

O uso de *haver* como existencial canônico no português brasileiro não consiste, nesta perspectiva, num reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos que têm prestígio na língua escrita. Se atentarmos para que, no Brasil, o aprendizado da língua escrita tende a ter como alvo ou estágios anteriores da língua ou mesmo a norma do português europeu [...] fica fácil imaginar a razão da supremacia de *haver* e da tendência de supressão de *ter* na língua escrita (AVELAR, 2005, p. 15).

Vitório (2006), ao estudar o comportamento variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* na língua escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, mostra não só um percentual de 89% de uso de *ter* contra apenas 11% de uso de *haver*, como também que tal variação é condicionada pelos fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN objeto.

A autora também mostra que as produções escritas dos alunos da 5ª série do ensino fundamental apresentam um percentual de 91% de uso de *ter* e 9% de uso de *haver*, enquanto que as produções dos alunos da 6ª série do ensino fundamental apresentam um percentual de 88% de uso de *ter* e 12% de uso de *haver*.

Vitório (2008), ao analisar o uso de *ter* e *haver* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, mostra que o verbo *ter* apresenta um percentual de 64% contra 36% de uso de *haver* e que tal variação é condicionada pelos fatores escolaridade e tempo verbal. O verbo *ter existencial* ocorre preferencialmente quando o verbo está no tempo presente – 72% e nos textos dos alunos do ensino fundamental (representados pela 8ª série), com um percentual de 79% versus 45% das ocorrências dos alunos do ensino médio (representados pela 3ª série).

De acordo com os trabalhos de Vitório (2006, 2008), notamos não só que são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos com menos anos de escolarização que tendem a usar mais a variante inovadora *ter existencial*, enquanto que os alunos do ensino médio apresentam um percentual maior de ocorrências da variante conservadora *haver existencial*, como também que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* nos *corpora* analisados, conforme ilustramos com o gráfico 1:

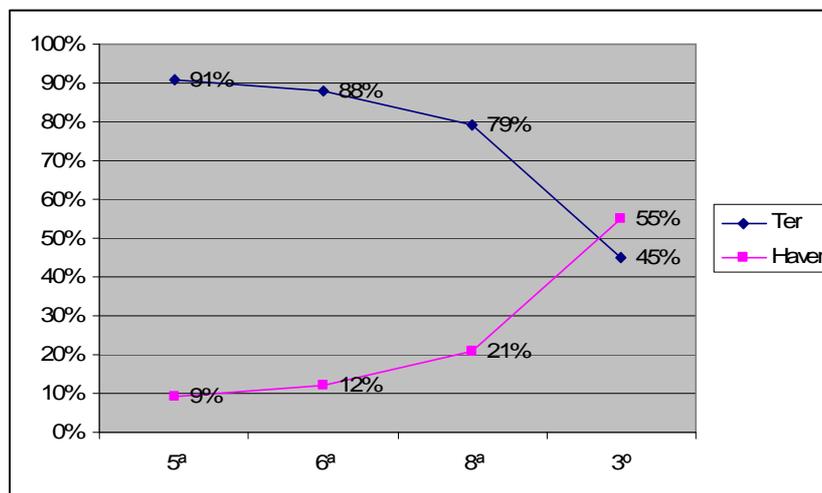


Gráfico 1: Percentuais de realizações dos verbos *ter* e *haver* existenciais

Essas pesquisas apontam que mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão, ou seja, da variante conservadora *haver existencial*, é a variante inovadora *ter existencial* que aparece em maior escala nos textos dos alunos das 5ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental, enquanto que nos textos dos alunos do 3º ano do ensino médio o percentual de *haver* é maior.

Na verdade, esse resultado mostra que, até certo ponto, há uma interferência da escola quanto ao uso de *haver*, pois à medida que o nível de escolarização aumenta, o uso de *haver existencial* tende a aumentar nos textos escritos. No entanto, são necessários muitos anos de escolarização para que o aluno use as regras prescritas pela escola.

Esses dados parecem indicar não só que as produções textuais dos alunos das séries iniciais refletem a gramática adquirida durante o processo de aquisição da linguagem, em que essas crianças ainda não foram afetadas de maneira significativa pela escola, como também que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz das variantes *ter* e *haver existenciais* na língua escrita, exercendo, portanto, um papel preponderante na recuperação e manutenção de *haver existencial*. É a partir deste momento que acreditamos que há, de fato, a variação *ter/haver existenciais*, uma variação que ocorre na gramática periférica dos falantes do português brasileiro.

### 3. Caracterização dos dados

O *corpus* desta pesquisa é composto de produções espontâneas de 64 crianças alagoanas entre 7 e 12 anos de idade, sendo 32 crianças do sexo masculino e 32 do sexo

feminino e faz parte do banco de dados do Projeto LUAL (Língua Usada em Alagoas) do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.<sup>3</sup>

Os dados considerados para a análise foram as sentenças construídas com os verbos *ter* e/ou *haver* explícitos, com a noção de verbo existencial, a exemplo de:

- (3). (a) L9: **Tinha** um real na bolsa dela aí trocaram por cinquenta centavos.

(C2L9L882F)<sup>4</sup>

- (b) L2: Onde eu morava **tinha** uma mulé ela era muito curiosa [...].

(C3L2L2335M)

- (c) L9: **Tinha** um monte de árvore. (C2L9L911F)

Excluímos da análise não só sentenças com *ter* em expressões cristalizadas, como “tem hora”, “tem dias”, “tem vezes” (4), como também sentenças em que o verbo *ter* admite tanto uma leitura existencial quanto uma leitura possessiva, por não ser possível identificar a interpretação que o falante pretendia atribuir à sentença (5).

- (4). L11: **Tem** vez que a tia manda pegá livro pra lê é pra gente pega aí **tem** vez ca gente lê o livro a história aí tem que : conta o que ta falando a história direitinho

(C2L11L871F)

- (5). (a) L1: ta – o que você gosta de vê na televisão?

L7: - - TV Colosso

L1: - - por que?

L7: porque **tem** desenho bom

(C1L7L1435M)

- (b) L1: Tá okêi – me fale da sua escola como ela é que ela é?

L4: - - - grande assim é: **tem** banco – **tem** banco **tem**: **tem** livro

(C1L4L732M)

Após a seleção e análise dos dados, fizemos uma rodada preliminar dos dados no programa computacional VARBRUL, que nos forneceu a análise quantitativa do uso dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir no *corpus* em estudo.

#### 4. Descrição e análise dos dados

Analisamos um total de 176 ocorrências de *ter* e *haver* com sentido de existir na fala de crianças entre 7 e 12 anos. Dentre as 176 estruturas analisadas, obtivemos 169 ocorrências com o verbo *ter* e 7 ocorrências com o verbo *haver*. Esses resultados nos mostram um

<sup>3</sup> Os trabalhos de gravação e de transcrição dos dados foram realizados pelos seguintes pesquisadores do Projeto LUAL: Maria Benedita dos Santos, Jazon da Silva Santos, Adna de Almeida Lopes, Janice Machado da Silveira e Susana Souto Silva.

<sup>4</sup> Os códigos apresentados entre parênteses referem-se às seguintes ordenações dos dados: uma letra C seguida de um número que representam o *corpus* analisado; uma letra L seguida de um número que representam um falante específico; uma letra L seguida de um número que representam a linha de ocorrência do fenômeno e, finalmente, uma letra F ou M representando o sexo do falante. Por exemplo, a codificação C2L9L882F nos diz que a ocorrência de *ter existencial* ocorreu no *corpus* 2, do falante 9, na linha 882 e que esse falante é do sexo feminino.

percentual de 96% dos casos com o verbo *ter existencial* contra apenas 4% de uso de *haver existencial*, conforme ilustramos com o gráfico 2:

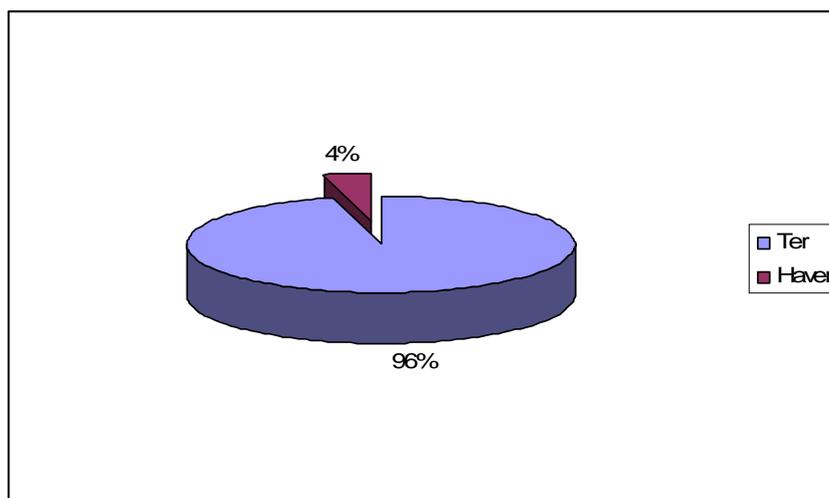


Gráfico 2: Total de ocorrências de *ter* e *haver existenciais* na fala de crianças alagoanas entre 7 e 12 anos de idade

Observemos que os percentuais apresentados acima corroboram não só com as ideias de Duarte (2003) e Avelar (2005), como também com a nossa hipótese inicial de que *haver existencial* parece não fazer mais parte da gramática internalizada dos falantes do português brasileiro, não sendo, portanto, resultado da fixação da gramática em situação natural de aquisição da linguagem.

Embora o verbo *haver* tenha apresentado um percentual de 4%, configurando-se assim numa variação linguística entre *ter/haver existenciais* no *corpus* analisado, argumentamos que não estamos diante de uma variação a ser capturada como um fato de gramática nuclear, tendo em vista que esse percentual representa apenas sete ocorrências em que as crianças reproduzem *haver existencial* em concordância com o *input* linguístico, ou seja, as crianças incorporam partes do enunciado do adulto a sua fala, a exemplo de:

(6). (a) L1: e **houve** castigo?  
L2: **houve** não – a tia Anali mandou a gente alimpá. (C1L2L219M)

(b) L1: e **houve** castigo?  
L2: **houve** (C1L3L485M)

(7). L2: / teve, tem / um dia que eu tava jogando – lá na quadra – perto da minha casa – quando começou uma bagaceira do time – o Brasil dizendo CSE: que não - - - que não – que não tinha feito – que não tinha feito gol – então tava dois a zero então / o, o / Flamengo tava ganhando – então cada um dizia uma coisa – aí começou rolo dos técnicos - - - um disse um disse que tinha feito o gol um disse que não – aí ele começaram a – briga aí o: técnico – olhou assim: disse “ não vamo brigar não / vamos fazer o jogo – vai **haver** pênalti” – aí quando a gente coisou a gente tava com dois – acabando com cinco.

(C3L2L1445M)

No exemplo 6, visto como um contexto de pergunta-resposta, percebemos que as crianças respondem às interrogativas feitas por L1 (entrevistador) extraindo da frase o seu elemento focal, que neste caso é o verbo *haver existencial*. Oliveira (1999), ao analisar

respostas a interrogativas IP, mostra que, nessas repostas, há um número maior de ocorrências do emprego só do verbo, exatamente como ocorre no nosso exemplo. Kato e Tarallo (1992) explicam que as respostas curtas a interrogativas globais que as crianças produzem são construídas com um elemento focado na interrogativa anterior, podendo assim ser construídas quer pelo verbo quer por qualquer XP focado na frase.

Ao analisarmos esses dados, notamos que as respostas curtas a interrogativas globais, são um dos contextos em que há a ocorrência de *haver existencial* no *corpus* analisado, o que nos leva a sugerir que, nesta faixa etária, ocorrências com o verbo *haver* são favorecidas por esses tipos de respostas. Respostas essas que se mostram não só como um contexto importante na manutenção de *haver existencial*, como também evidenciam como o uso de *haver* é seletivo na fala de crianças.

Também encontramos casos em que tais interrogativas são produzidas com *ter existencial*, sendo suas respostas realizadas também com o verbo *ter*. No total, obtivemos 23 ocorrências de *ter existencial* em contexto de pergunta-resposta, a exemplo de:

- (8). (a) L1: **Tem** tarefa de casa?  
L5: **Tem.** (C1L5L1071M)
- (b) L1: e **tem** alguém na sua casa que lhe orienta?  
L6: **tem** – minha mãe (C1L6L1367M)

Para Oliveira (1999), as respostas curtas constituem uma experiência provocadora para as crianças. A autora não só verifica a necessidade de se dissociar a experiência provocadora da totalidade da experiência linguística a que a criança está exposta, como também explica que os estudos que tratam sobre a importância do diálogo adulto-criança no processo de aquisição da linguagem mostram que a sintaxe da criança é construída por meio da incorporação/extração de segmentos da fala do outro.

É o que ocorre também no exemplo 7, quando a criança retoma a fala de um adulto (o técnico de futebol) para relatar o ocorrido durante uma partida de futebol. Neste exemplo, a criança faz uso de uma fala dita em um outro contexto situacional em que *haver existencial* é usado. Mesmo não se caracterizando como um contexto de pergunta-resposta, a criança incorpora parte do enunciado do adulto para dar veracidade ao fato narrado, o que indica que, no *corpus* em estudo, ocorrências de *haver* são provocadas por falas anteriormente ditas.

O que percebemos é que, diferentemente do que ocorre com *ter existencial*, em que seu uso se dá em qualquer contexto linguístico, sem qualquer motivação do *input*, o verbo *haver existencial* só ocorre a partir de falas anteriormente ditas pelo adulto. Isso pode ser um indício de que o português brasileiro esteja passando por um processo de mudança linguística com relação ao uso de *ter/haver existenciais*, haja vista que Lightfoot (1991, 1999) explica que a mudança ocorre porque a criança entra em contato com um *input* linguístico diferente a que seus pais foram expostos.

Esses dados nos permitem supor não só que, no âmbito da gramática nuclear das crianças aqui analisadas, a variação *ter/haver existenciais* é quase nula, como também que a criança acionou a mudança na direção de *ter existencial* e que a escola tenta reverter essa inovação através do processo de ensino/aprendizagem. A ideia que defendemos é a de que o verbo *haver existencial* provavelmente só deva ser adquirido realmente quando a criança entra em contato com aprendizagem da língua escrita.

Kato (1999) explica que quando a criança começa a aprendizagem da língua escrita, começa também a alterar as formas linguísticas adquiridas durante a aquisição da linguagem para adequá-las às normas convencionais da escrita, que reprimem as inovações da língua e faz o falante voltar às formas eliminadas, ou no limiar do desaparecimento.

Ao compararmos esses dados com os encontrados por Vitório (2006, 2008), acreditamos que os falantes do português brasileiro apresentam dois tipos de conhecimentos sobre o uso de *ter* e *haver existenciais*: um relacionado à sua gramática da fala, que é aprendido durante o processo de aquisição da linguagem, em que *ter* é o verbo selecionado e um outro relacionado à sua “gramática” da escrita, em que elege o verbo *haver existencial*, aprendido durante a idade escolar.

A comparação entre os dados da fala e os dados da escrita permite perceber que a criança entra na escola selecionando *ter existencial*, continua por um período utilizando esse verbo e aos poucos vai adequando sua gramática às normas prescritas pela gramática normativa. A escola vai tentando reverter esse uso, mas só começa a obter algum sucesso lá pelo final do ensino médio, sucesso esse que não é total, tendo em vista que o uso de *ter existencial* é tão significativo que a escola não consegue barrá-lo.

## Conclusão

Apresentamos, neste trabalho, a frequência de uso de *ter* e *haver* com sentido de existir na fala de crianças alagoanas entre 7 e 12 anos. Nossa hipótese é a de que o verbo *haver existencial* só deve ser adquirido quando a criança entra em contato com a língua escrita.

Argumentamos que o alto percentual de *ter existencial* – 96% deve-se ao fato de *ter* ser o verbo selecionado pela criança no processo natural de aquisição da linguagem, sugerindo que *haver* não faz mais parte desse processo, não existindo assim a variação *ter/haver existenciais* na gramática nuclear dos falantes do português brasileiro, mas sim na sua gramática periférica.

Embora existam contextos em que *haver existencial* ocorra, contextos esses que estão servindo de “trigger” ( i.e., experiência provocadora) para a criança que adquire o português brasileiro descobrir o uso de *haver existencial* nesta língua, acreditamos que o português brasileiro esteja passando por um processo de mudança linguística em relação ao uso de *ter* e *haver existenciais*.

ABSTRACT: This work belongs to Linguistics Change and Acquisition area and it has as object of study the variable use of the verbs “ter” (to have) and “haver” (there to be) in the existential sense. Our goal is analyze the frequency of use oh those verbs in the speech of children between 7 and 12 years old, in this way, we used the data of the LUAL Project – Used Language at Alagoas. We use the Quantitative Sociolinguistics methodology and the theoretical assumptions of the Gerative Theory. According the results, we have checked that the use of the verb “ter” is really greater than the use of the verb “haver” – 96% versus 4%, which indicates that the existential “ter” is the verb selected along the natural process of language acquisition.

Keywords: Language acquisition; Linguistic variation; “ter” and “haver” existential; Brazilian Portuguese.

## Referências bibliográficas

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. 2005. Disponível em [http://www.geocities.com/gt\\_teor\\_da\\_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf](http://www.geocities.com/gt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf) . Acesso em: 19 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, março, 2006.

- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*. Niterói, n.9, p. 85-100, 2000.
- CALLOU, D; LOPES, C. Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. *Revista do GELNE*, ano 5, n 1 e 2, p. 67-74, 2003.
- CARDOSO, S. Ter/haver no português do Brasil: mudança linguística e ensino. *Atas do I Simpósio sobre a diversidade linguística no Brasil*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986.
- DUARTE, Maria E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- DUTRA, C. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.
- FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 14, nº especial, 1998.
- KATO, M. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: MORAES, J.; CABRAL, G. (orgs.). *Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher, 1999.
- \_\_\_\_\_. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, J.; LEMOS, A. (orgs.). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho). 2005.
- KATO, M; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em Português. In: PASCHOAL, M; CELANI, M. (orgs.). *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1992.
- LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The development of language: acquisition, change and evolution*. Blackwell, 1999.
- LEITE, Y; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002
- MAGALHÃES, T. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.
- OLIVEIRA, M. *Frases assertivas e sua variação nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1999.
- SILVA, R. *Variação ter/haver na fala pessoense*. 2001. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2001.
- VITÓRIO, E. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da cidade de Maracanáu/CE*. 2006. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino do Português) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.